

# POSTO AVANÇADO DO PROGRESSO

um filme de Hugo Vieira da Silva com Nuno Lopes, Ivo Alexandre, David Caracol

Portugal, Angola | 2015 | 120' | M/16

Festival de Berlim – Secção Fórum | Las Palmas International Film Festival – Prémio Melhor Actor, David Caracol



No final do século XIX, dois colonizadores Portugueses, imbuídos de uma vaga intenção civilizadora desembarcam numa parte remota do Rio Congo para coordenar um posto comercial. À medida que o tempo passa, começam a desmoralizar pela sua incapacidade de enriquecer à custa do comércio de marfim. Sentimentos de desconfiança mútua e mal-entendidos com a população local isolam-nos no coração da floresta tropical. Confrontados um com o outro iniciam uma caminhada em direcção ao abismo.

## António Pinto Ribeiro entrevista o realizador Hugo Vieira da Silva

**APR – *Posto Avançado do Progresso* é um filme sobre o colonialismo, sobre os aventureiros expedicionários em África no séc. XIX ou sobre a missão civilizacional europeia?**

HVS – O filme é sobretudo sobre o colonialismo Português que parcialmente reflecte a ideologia civilizacional Europeia da época mas que tem particularidades muito próprias até porque em novecentos a presença Portuguesa em África contava já com cerca de 400 anos de existência. No final do século XIX começaram a ser importados para Portugal e para o seu espaço colonial os novos modelos anglo-saxónicos relativos ao “progresso” e à “civilização”, que no princípio eram um pouco estranhos ao tradicional modo de presença colonial Portuguesa em África. As duas personagens principais deste filme, João de Mattos e Sant’anna, representam essa geração de Portugueses para quem, à luz dessa nova mentalidade a África central se torna paulatinamente um lugar de “incompreensão” tal como descrita por Conrad e que por isso mesmo se encontram numa encruzilhada identitária.

A minha versão é também sobre como a memória das relações ancestrais entre Portugueses e Congolezes foi reprimida por esta nova geração. Ora os recalamentos (aliás bastante comuns na história Portuguesa), favorecem a emergência de fantasmas. Neste filme são os fantasmas desse passado esquecido que emergem da floresta-tropical do Congo para assombrarem os Portugueses. E os fantasmas dizem respeito a essa história partilhada: à escravatura, à inquisição (que também existiu nos trópicos), à idiosincrasia cultural congoleza e aos seus ícones... Enfim um longo manto amnésico que se perpetua até hoje.

**APR – Um dos aspectos mais interessantes do filme é ele ser um filme de câmara, um *huis clos* que acontece em África continental sobre o qual temos sempre uma ideia de grandes espaços abertos, florestas intermináveis, ignorância dos limites territoriais. Quer comentar?**

HVS – Trabalhei na África central na zona tropical e subtropical, ao longo do curso do Rio Congo, lugar de florestas impenetráveis e labirínticas habitadas pelos povos Kongo tanto a sul como a norte, na sua complexidade e variedade étnica, espaço que no final do século XIX foi retalhado pelas chamadas fronteiras de “régua e esquadro” do colonialismo moderno. A África pré “conferência de Berlim” (1884) abunda em reinos e potências. Por exemplo no início do século XIX, um sertanejo português para comerciar com reis e chefes localizados no *hinterland*, partindo habitualmente da costa e até chegar ao seu destino, teria de passar por dezenas de fronteiras e pagar vários tributos a chefes locais. Esta forma de comércio durou 400 anos e era a garantia da manutenção das estruturas de poder local. A partir do final do século XIX, com a chegada em força das novas potências coloniais europeias e com a ocupação territorial efectiva é imposta

uma espécie de “terraplanagem” física, social e cultural que faz desaparecer essa África. Surge então nos países ocidentais a ideia de África como um espaço vazio, sem limites, história ou memória, o “não-lugar”. Esta noção é por exemplo romantizada por Conrad no *Hearts of Darkness*, que apesar de denunciar o colonialismo descreve o Congo como uma espécie de espaço mítico, selvagem, insalubre e terrível. Paradoxalmente, no Conrad mais arguto e seminal (na minha opinião o do *An Outpost of Progress*) a floresta é então um pequeno palco onde os mal-entendidos e a ambiguidade da relação colonial se encenam num jogo de esconde-esconde, de permanentes equívocos quase burlescos e onde as personagens Africanas ganham finalmente subjectividade. Quis acentuar essa dimensão teatral.

**APR – Interessou-me muito a forma como explora o pensamento mágico, as cosmologias desta região do Congo. E um aspecto muito bem tratado, a meu ver, é a impossibilidade do entendimento deste pensamento por parte dos dois comerciantes portugueses. No caso deles a irracionalidade só lhes chega pela loucura. Está de acordo?**

HVS – Sim, concordo. A este respeito há um livro fascinante de um antropólogo Americano, Johannes Fabian, chamado “*Out of our Minds*” – *Reason and Madness in the Exploration of Central Africa* –, onde desconstruindo de forma sistemática os relatos de viagem e diários dos exploradores, cientistas ou comerciantes europeus que deambulavam pela África tropical no final século XIX, se prova que esses documentos são muitas vezes idealizados ou imprecisos e que na maior parte do tempo estes europeus estariam num estado permanente de êxtase provocado pela doença, altas dosagens de quinino, álcool, opiáceos e outras drogas. A hipótese, que acho muito pertinente, é a de que teria sido apenas nessa “zona” extática que os exploradores europeus transcenderam as suas limitações psicológicas e sociais conseguindo alguma imersão nas culturas locais, o que teria proporcionado eventuais diálogos ou esporádicas relações um pouco mais “horizontais” do que o sistema colonial poderia suportar. Diria que a loucura das minhas personagens é tanto gerada pela impossibilidade de compreensão do outro como pela emergência do reprimido, mas gostava de pensá-la como uma possibilidade de imersão cultural, provavelmente só possível quando os corpos se esquecem de quem são...

**APR – Porque decidiu atribuir nomes da nobreza europeia aos africanos e vesti-los com fatos da côrte?**

HVS – Na minha versão livre do “*Outpost of Progress*”, ao contrário do original o presente intersecciona-se com o passado, anulando o tempo cronológico. Num mesmo plano, no tempo presente, (finais do século XIX), ecoam fantasmaticamente personagens esquecidas desses 400 anos de relações. Havia desde quinhentos, um reino Congolês com uma estrutura social copiada ao detalhe do reino Português, como se no meio da selva tropical, no século XVI, se edificasse uma cópia de Portugal com reis e nobres negros de nomes e identidade Portuguesas. Trata-se de processo cultural mimético, um pouco como na personagem do Makola (o Angolano que se comporta como os Portugueses).



«À medida que o tempo passa, a missão civilizacional e comercial transforma-se em deriva alucinatória, numa “trip” de perdição. Uma viagem sensorial, física e mental no decurso da qual se operam outros géneros de transações surpreendentes, como as trocas contagiosas entre os colonos que tentam fundir-se no transe musical africano e os indígenas que tentam imitar o modo de vida europeu. Ainda que não isenta de uma leitura política inevitável sobre o assunto, a visão de Hugo Vieira da Silva é essencialmente poética, metafísica e moral. Soberbamente escrito, maravilhosamente minimalista e “tripante” [...] o filme não anda muito longe do recente *Lost City of Z*, mas comparativamente ao estilo hollywoodiano vagamente empertigado e empoeirado de James Gray, Vieira da Silva propõe uma elegância literária e um despojamento irónico de longe mais estimulantes e singulares.»

Serge Kaganski, *Les Inrockuptibles*

«As interpretações convencem e este transe também. [*Posto Avançado do Progresso*] fala-nos de “Pátrias” e de “patrões”, de tiranias que continuam por resolver, ontem como hoje.»

Francisco Ferreira, *Expresso*

«Belo e onírico. [...] Joseph Conrad deu o mote a este filme. Hugo Vieira da Silva, com a sua adaptação, consegue [filmá-lo de forma genial] sem a mínima dúvida.»

Daniela Sannwald, *Tagespiegel*

«No Coração das Trevas era o nome original da história de Joseph Conrad que inspirou *Apocalypse Now* a Francis Ford Coppola. E não fala de outra coisa o primeiro filme português em Berlim 2016, *Posto Avançado do Progresso*, de Hugo Vieira da Silva (Forum). É uma descida ao coração das trevas no mais profundo da selva congoleza que questiona exactamente o que é que a civilização anda a fazer em sítios com os quais não tem nada a ver. [...] Mas a terceira longa de Hugo Vieira da Silva justifica a aposta do Forum e é, de longe, o seu melhor e mais conseguido filme até agora, confirmando o modo como Joseph Conrad parece inspirar os cineastas que o adaptam.»

Jorge Mourinha, *Público*

«Com belíssima fotografia, e grandes interpretações de Nuno Lopes, Ivo Alexandre e David Caracol (...) *Posto Avançado do Progresso* é um delirante mergulho na História que nos ajuda a compreender as raízes da por vezes insólita aventura portuguesa em África.»

Manuel Halpern, *Visão*